

POR ENTRE PEDRAS, GAVETAS, BARATOS: A ESCRITA POÉTICA NO CENTRO DA RODA

Eliane Aparecida Bacocina¹

Resumo: Neste trabalho, recorte de pesquisa de Doutorado, o olhar se desviará às pequenas particularidades que compõem os processos e trajetórias de escrita de um grupo de poetas: pedras no caminho... escritos em gavetas... o ‘barato’ de compor poemas individual e coletivamente... rodas de poesia... Um grupo que sai das margens, dos becos, das periferias e ocupa o centro das cidades e das atenções...

*Não queiram vestir a poesia com camisa de força
Deixem-na à paisana.
Não lhes imponham uma farda parnasiana.*

*Preparem-lhe passarelas festivas e democráticas.
Permitam que desfilem por elas a coleção auto
didática.*

*Deixem fluir na sutil marginalidade a mais perfeita
intelectualidade
Imaginária ou realista. Não atrofiem o artista.
(...) (MOLINA, 2011a, p. 16).*

O trabalho que aqui se apresenta é um recorte de Tese de Doutorado que propõe cartografar práticas de invenção (escrita e produção poética) postas em ação por sujeitos em uma comunidade de escritores, grupo que atua de maneira não formal com produção de poemas.

Propôs-se discutir o poder da escrita em interlocução com o grupo, que atua no litoral sul paulista, com o objetivo de fazer pensar sobre questões sociais, políticas e cotidianas, processo que é, portanto, formativo. O grupo, denominado Sarau das Ostras, constitui-se por cinco integrantes escritores de poemas e tem como inspiração a ostra, elemento comum no litoral, que diante dos obstáculos, resiste e produz a pérola, assim como o grupo que, frente aos desafios da vida cotidiana, produz poesia.

A pesquisa intenciona trazer à discussão o papel e o lugar da escrita poética e o modo como dela o grupo se utiliza, reverberando em travessias de fronteiras do pensamento.

A pesquisa teve como procedimentos metodológicos a cartografia, proposta por Rolnik e o paradigma indiciário (Ginzburg).

Dentre o referencial teórico utilizado, estão os estudos da linguagem, com Rancière, Foucault e Bakhtin, além de Deleuze e Guattari, com a abordagem que realizam sobre a literatura menor/escrita marginal.

O grupo pesquisado constitui-se por cinco integrantes escritores de poemas: Ludimar, Nego Panda, Fernandes, RO3P e Abel, e o material aqui apresentado foi sendo constituído a partir do olhar para os livros produzidos pelos participantes da pesquisa e da transcrição de suas falas em cinco encontros dialógicos, intitulados “Conversas poéticas”.

O desvendar de sentidos, linguagem, cultura, poética presentes nos processos de escritas contemporâneas e o olhar para os escritos do grupo pesquisado, a partir de situações de

¹ Doutora em Educação pela UNESP / Rio Claro. Professora no IFSP / Câmpus Boituva. E-mail: elianeab3@gmail.com.

interlocução, levam a pensar as atividades artísticas e os saberes trazidos por diferentes atores que leem, escrevem e criam o cotidiano.

Das margens das páginas escritas por poetas que atuam em espaços diversos de produção escrita, oriundas das bordas que ladeiam cidades, às fronteiras de um pensamento que se revela fértil, concretiza-se um movimento-fluxo das palavras numa composição poética, singular. Devaneios daí advindos fazem (trans) bordar as margens do que produzem tais páginas escritas, gerando material de pesquisa, fluxo de pensamento, devir, poesia.

Neste trabalho, o foco de atenção se desviará às pequenas particularidades que compõem os processos e trajetórias de escrita dos poetas e do grupo participante da pesquisa: pedras no caminho... escritos em gavetas... ‘barato’ de compor poemas individual e coletivamente... rodas de poesia... e para pensar os processos de formação a partir de um grupo que sai das margens, dos becos, das periferias e ocupa o centro das cidades e das atenções... esse é o foco do olhar atual da pesquisadora após a pesquisa concluída... ou inconclusa...

O trabalho se apresenta em forma de ensaio, a partir da elaboração de um “mosaico” de citações e transcrições de falas dos poetas do grupo.

Um ensaio sobre a escrita poética do Grupo Sarau das Ostras

Um amigo meu falou uma frase um dia que aquilo me marcou tanto... “O poema não é só aquilo que te agrada; é aquilo que te agride”. Eu achei tão legal aquilo ali, ele tem que fazer pensar, tem que te cutucar, tem que te impactar, te horrorizar assim, na hora. Porque se for só coisinha melosa...
(fala de Ludimar, em uma das Conversas Poéticas).

Escrita que agride, que faz pensar, que impacta.... Como olhar para essa linguagem? Pelbart, filósofo contemporâneo, desvia o nosso olhar para as bordas, para aquilo que dispersa para as fronteiras.

(...) para Blanchot a linguagem poética “nos remete não àquilo que reúne, mas ao que dispersa, não àquilo que junta, mas ao que disjunta, não à obra, mas à inoperância [...], conduzindo-nos em direção àquilo que tudo desvia e que se desvia de nós, de modo que aquele ponto central em que, ao escrever, parecemos que nos encontramos, não passa de ausência de centro, a falta de origem”. Não o Ser, mas o Outro, o Fora, o Neutro. Paixão do Fora que atravessa a escrita febril de Kafka, bem como a de Blanchot, que reverbera na obsessão de Foucault com o tema das fronteiras ou limites, e em Deleuze na exterioridade do pensamento nômade. (PELBART, p. 51).

Como base nesse pensamento nômade, as conversas poéticas com o grupo Sarau das Ostras nos convidam a pensar para além dos limites das páginas escritas, para além das fronteiras das sensações...

Nego Panda: O poema tem que te causar uma reação. Independente se essa reação vai ser boa. Ah, eu adorei esse poema. Ou eu odiei. Mas ele ta causando uma reação.

Ludimar: O Vieira Vivo do CPL, que fala: “ Não gente, não descreve, usa mais a linguagem, faz o pessoal entender. Lê aquela poesia sem citar quem é.

Pra causar aquele: “Olha, é ela!” Um poeta conceituado foi fazer uma homenagem sobre o Michael Jackson. “Ele é um grande cantor, foi o rei do pop. ” Isso aí todo mundo sabe. Isso é descrição. Faz um negócio diferente. É que nem o Ariano Suassuna falou numa entrevista: “o pintor vai pintar um boi, e fica olhando no boi, ele faz exatamente como o boi é. Ele não criou uma obra de arte. Ele criou mais um boi. Faz um boi diferente”.

Fernandes: Aí é onde eu volto e gosto dessa ideia. A minha filha não vê isso..., mas eu estava vendo o pequeno príncipe esses dias de novo com a minha filha. Versão de 1960. “O que é isso? ” “É um chapéu. ” “Não. É uma cobra que engoliu um elefante. ” E a outra situação é aquela: “Me desenha um carneiro. ” Ele desenha uma caixa. É essa a sensação. A pessoa vê o óbvio... A poesia é quando ele transcende aquele óbvio.

Ludimar: É essa a sensação. E também daquela flor, com tantas rosas que tem, mas aquela é a rosa. É como o amor...

Nego Panda: Quando você vê a literatura simplesmente como material de leitura, então essa bolacha é a bolacha, mas se você colocar num patamar de arte, aí entra uma diferenciação. Porque uma coisa é você fazer um prato, e outra coisa é você fazer uma obra de arte. É diferente. Porque quando você reproduz milimetricamente toda aquela escrita, toda aquela forma regrada e metodizada de poema, por mais bonito que seja não é uma obra de arte. Seria como eu fazer uma paródia de uma outra música. Porque a forma já tá lá. É por isso que eu não gosto de escrever em cima de formas. Soneto, eu sei fazer soneto. Algumas coisas eu acabei escrevendo e colocando no meu blog. Eu sei fazer. Eu também faço. Publiquei o limerique. Só que o que acontece? Você pode pegar a estrutura, ela é x. Você pode usar a mesma estrutura e transformar ela em y.

(Trecho da transcrição das Conversas Poéticas – 1º encontro. 08/06/2013).

Na visão de Deleuze e Guattari (2003), em “Kafka: para uma literatura menor”, é possível aproximar as práticas de escrita do Sarau das Ostras com o conceito de “literatura menor”, considerando as três características dessa literatura: a desterritorialização, o papel político e coletivo.

Literatura menor... não no sentido de ser inferior, mas no sentido da potência que carrega em si, de algo considerado por minorias, mas que carregam em si a força daquilo que expressam.

Ainda que maior, uma língua é suscetível de um uso intensivo que a faz correr segundo linhas de fuga criadoras, e que, por mais lento, por mais precavido que seja, forma dessa vez uma desterritorialização absoluta. (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 41).

Linhas de fuga criadoras...
Desterritorialização absoluta...
Invenção.
Literatura menor? Marginal?

Fronteiras

Cinco poetas. Cinco caminhos:

Ludimar... excluída de oportunidades de frequentar a escola quando criança, encontra caminhos para ler e escrever, estudando junto com os filhos, lendo após a casa estar em ordem... guardando nas gavetas os seus escritos poéticos...

Fernandes... em suas experiências escolares, aprende poesia. Será que era aquilo mesmo que a escola pretendia ensinar? Ou encontrou táticas para aprender a partir de seu encantamento pela poesia?

Nego Panda e RO3P, que por meio do rap encontram um modo de dar sentido às palavras escritas e rimadas, e passam, a partir daí, a rimar as experiências do povo da periferia....

Abel, que escreve em um caderno suas palavras, criando textos que não querem terminar...

Sarau das Ostras – grupo que se construiu a partir de vivências poéticas em comum. Optaram pela ostra para intitular o grupo, considerando a produção da pérola a partir das intempéries, assim como o grupo produz poesia a partir das adversidades.

Poetas que criam poesia. Ostras, que quando ameaçadas, produzem pérolas.

Letras, palavras, poemas, romances...

Escritos que se formam por meio de políticas e estéticas, partilhas...

Formam, deformam, transformam...

Pessoas, lugares, caminhos, mundos...

Em seus espaços infinitos...

Identifica-se uma riqueza de saberes, nos textos escritos pelo grupo Sarau das Ostras, cujos temas são perpassados pelos questionamentos sociais, pela crítica às situações injustas e desumanas pelas quais passam os “anônimos” da sociedade.

Os poetas, protagonistas desta pesquisa, escrevem, na maioria das vezes, sobre aquilo que os inquieta, os ameaça e os incomoda.

E a palavra? Adquire a forma poética para se fazer atuante, para ser ouvida e pensada pelos que a leem, ouvem ou vivenciam, palavra que se transforma em arte.

Transforma-se em grito de alerta.

Assim como, ao se referirem à escrita de Kafka, literatura menor, Deleuze e Guattari questionam:

Quantas pessoas hoje vivem em uma língua que não é delas? Ou então nem mesmo conhecem mais a delas, ou ainda não a conhecem, ou conhecem mal a língua maior da qual são obrigadas a se servir? Problema dos imigrados, e sobretudo dos seus filhos. Problema das minorias. Problemas de uma literatura menor, mas também para todos nós: como arrancar de sua própria língua uma literatura menor, capaz de escavar a linguagem e de fazê-la seguir por uma linha revolucionária sóbria? Como tornar-se o nômade e o imigrado e o nômade de sua própria língua? Kafka diz: roubar a criança no berço, dançar na corda bamba. (DELEUZE, GUATTARI, 2003, p. 30).

Fronteiras... formas de escavar a linguagem...

Pedras...

Seguia Fernandes no caminho
E Drummond lia
No caminho lia Fernandes
Drummond e seguia
Drummond Fernandes lia
E no caminho seguia

Nunca esquecerei este dia
Em que no caminho que nada havia
Fernandes seguia

E nada via
E Drummond lia
De repente uma pedra.
(FERNANDES OLIVEIRA, 2011, p. 43)

Um dos elementos poéticos trazidos pelos participantes da pesquisa é a pedra. Pedras no caminho... pedra de Drummond, pedras preciosas que os instigam a escrever.

Gavetas...

Um dos livros publicados pela poeta Ludimar tem como título “Entre pedras e gavetas” e traz poemas que fazem parte de sua trajetória de escrita.

(...). Foi quando eu percebi que a maioria das coisas vinham assim rimadas e aí comecei a me pegar a isso: já que ta vindo tudo rimado eu vou começar a fazer. Mas elas coitadinhas, tiveram que ficar na gaveta muito tempo porque não tinha como mostrá-las pra ninguém, eram 25 na gaveta, mas dentro da minha cabeça eu pensava rimado(...)

Ludimar conta que guardou seus poemas na gaveta, impedida de ir à escola, por diversos motivos – primeiro a mãe dizia que filha menina não podia estudar, depois o marido não permitiu que ela frequentasse a escola. No entanto, isso não a proibiu de buscar estratégias para, em momentos de solidão, escrever e poetizar.

Gavetas – lugar de guardar tesouros e, ao abri-las, encantar.

Baratos...

“O Barato é loko” – verso que desponta em diversos dos poemas declamados pelo grupo. O que é esse barato?

O barato da vida

Se o barato é louco, desse barato eu quero um pouco.
Também sou filho de Deus.
Preciso resolver problemas meus.
Quero ter felicidade na minha insanidade.
Quero andar pela calçada.
Quero atravessar a rua sem ser atropelado pelo destino.
Quero paz no meu coração de menino.

Quero chegar em casa e aconchegar-me na asa
De quem me espera, na esperança viva de que tudo vai bem.
Quero bater o martelo para que a justiça seja feita.
E que a corda não se arrebente somente do lado mais fraco
Quero sair do buraco onde a vida me jogou.
Nele, quero plantar uma flor,
Um lindo lírio da paz.
Por favor, me dê uma chance; eu sou capaz.
Só não sou igual a toda gente.
Meu defeito é ser louco.
Não aceitar o que vem pronto.

Determinado, mastigado, só faltando engolir.
Não quero isso, meu amigo.
Quero separar o joio do trigo.
Livrar-me do que não presta. Fazer da vida uma festa
Pois é! Meu único defeito é ser louco.
E se o barato da vida é louco desse barato eu quero um pouco
que dê pra sobreviver.
Nunca perder a insanidade.
É nela que encontro minha dignidade.
Agora peço licença. O sinal está aberto.
Preciso ser esperto para atravessar a rua.
Preciso chegar do outro lado. Não posso ficar parado.
Vai dar tudo certo eu não me engano.
A gente se vê por aí, mano!
(Ludimar Gomes Molina. In: Ludicidade, 2011).

Nego Panda: Essa questão do barato é louco. O Barato é Louco é uma letra do grupo de meu rap, o Ruídos Negros. Eu fiz a letra, eu uso pra recitar, mas surgiu com a ideia de letra. O Pelé fez outra parte da letra. Quando a gente começou com o sarau, a gente levou pra recitar, aí quando eu levei pra recitar, o Pelé já pegou o gancho.

O Sarau tem uma característica bem legal, que ninguém espera o outro. Olha, depois que chamar fulano, ciclano recita. Não... A gente só toma cuidado porque se um começou a falar, deixa ele falar. Então a gente fica sempre um olhando pro outro. Eu terminei de recitar O barato é louco, o Pelé já entrou recitando, então virou uma característica. Aí a Dona Ludimar gostou da ideia...

Ludimar: E aí eu disse que se o barato é louco desse barato eu quero um pouco.

Nego Panda: Eu quero ta junto aí também, fazer parte porque vocês fazem isso. Foi quando a dona Ludimar entrou também. A gente quer falar que o mundo ta louco. O mundo ta um caos. A sociedade ta vivendo em estado de calamidade. Então a ideia da letra é essa. Falta amor no ser humano, então o barato ta louco. O pessoal ta se matando por besteira, agride o outro por causa de 2 reais, o outro mata porque olhou torto, esbarrou no outro, o outro vai lá e dá uma facada. Então, o barato é louco.

Ludimar: Além disso, o meu barato é louco é assim, o barato é participar. O barato é mostrar que tem muita coisa errada. O barato é louco porque eu tenho que ta dentro desse contexto desse barato, pra mostrar que eu não quero ser mais um, quero atravessar a rua. Vamos mexer nesse barato. (Transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas. 08/06/2013).

Um fica olhando pro outro.
Fico olhando para os poetas.
O mundo ta louco.
O barato é participar.
Também quero participar desse barato.
O barato de mostrar que tem muita coisa errada.
Mexer no barato.

Fernandes: Encaixou melhor, porque a ideia do nosso sarau, do sarau que a gente participa é ser dinâmico. Eu acho que isso torna cada vez mais o barato louco. Mais louco disso é que cada vez mais a gente quer incrementar. Por

exemplo: “carecem de...” A última palavra do meu texto é sentimento. Mas a primeira palavra dele é essa.

(Transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas. 08/06/2013).

A ideia do Sarau é ser dinâmico.
E a intenção é deixar cada vez mais louco.
Barato louco.
Eu também quero um pouco.

Algumas inconclusões

Como cheguei até aqui?
Qual o meu movimento?
Educadora, pesquisadora, aprendiz de poeta...
Impossível explicar, até mesmo entender, como tudo começou.

Só sei que, como educadora e como ser humano, num movimento de querer ir para longe de salas quadradas, de aulas quadradas, mentes quadradas, passei a encontrar inspirações em ideias circulares, em pessoas que se abriam à novidade e mostravam novidades. Em busca de relações de diálogo. Foi numa dessas aulas redondas em uma sala retangular, próximo ao movimento ondulado e instigante das ondas do mar, que vi chegando alguns alunos poetas: Ludimar, Nego Panda, que foram chegando, inusitados, impertinentes...

Quem eram eles? Alunos? Professores de poesia?

Fui conhecendo as rodas literárias, o sarau dos pensadores, o Sarau das Ostras. Fui, com eles, compondo, de modo movediço, em meio às areias e águas do mar. Vendo as pessoas se contagiarem, me deixei contagiar pelo barato dos poemas que eles produzem. Virei ostra, me desterritorializando e reterritorializando tantas vezes. Saí em busca das pérolas... atravessando as fronteiras entre os saberes...

“Mestre é quem, de repente, aprende...” (Guimarães Rosa).

O que deixo? Pegadas? Ou asas?

o bicho alfabeto
tem vinte e três patas
ou quase

por onde ele passa
nascem palavras
e frases

com frases
se fazem asas
palavras
o vento leve

o bicho alfabeto
passa
fica o que não se escreve
(LEMINSKI, 2002, p. 183).

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DELEUZE, G. *Kafka: para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2003.

FOUCAULT, M. *Ditos e escritos III - Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PELBART, Peter Pál. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 2000.

RANCIÈRE, J. *Políticas da escrita*. Tradução de Raquel Ramalho et al. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

ROLNIK, S. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.